Sétima carta — Genuflexões dos homens no Antigo Testamento

> **Sumário.** Salomão. — Daniel. — Esdras. — Miqueias.

25 de junho.

Meu caro Frederico,

Eu te disse: a Genuflexão não é apenas uma lei da humanidade, é uma lei geral que se estende a toda a criação: aos anjos, aos homens, aos demônios.

> *Ao nome de Jesus, diz são Paulo, dobre-se todo o joelho dos que estão nos ceos, na terra, e nos infernos,*

In nomine Jesu, omne genu flectatur cœlestium, terrestrium et infernorum. Em minhas cartas anteriores, admiramos a religiosa fidelidade com que os anjos de todas as hierarquias cumpriram essa lei e verificamos a primeira parte da fórmula apostólica: *Omne genu flectatur cœlestium.*

Desçamos agora à terra e mostremos o cumprimento dessa mesma lei entre os homens. Assim se verificará a segunda palavra de são Paulo: *Omne genu flectatur terrestrium.*

I. — Eis-nos em Jerusalém. A maravilha do mundo antigo, o templo de Salomão, está terminado; vai ser abençoado. Todas as tribos de Israel, chamadas à solenidade, enchem as ruas da cidade de Davi e apertam-se em torno do edifício sagrado. Salomão assiste à bênção. Cumpridas todas as cerimônias, o mais magnífico dos monarcas, cercado de todo o esplendor da majestade real, agradece ao Senhor por ter escolhido uma morada em Israel e invoca sobre o templo e sobre o povo todas as bênçãos do céu.

Para ser atendido, que faz o grande Rei? Na presença de todo o povo, põe-se de joelhos; de ambos os joelhos, eleva as mãos ao céu e diz:

>

> *He pois crivel que Deos habite verdadeiramente sobre a terra? Porque se o ceo, e os ceos dos ceos te não podem compreender, quanto menos esta casa, que eu edifiquei? Mas attende, Senhor Deos meu, á oração do teu servo: [...] para que os teus olhos estejão abertos de noite e de dia, sobre esta casa, da qual disseste: O meu nome estará nella.*

> *Porém se peccar contra ti, (porque não ha homem que não peque) e tu irado os entregares nas mãos de seus inimigos, [...] e fizerem penitencia do íntimo do seu coração no lugar do seu cativeiro, [...] Tu ouvirás do ceo, no firmamento do teu throno, as suas orações, e as suas preces, e defenderás a sua causa: e te mostraráis propicio ao teu povo que peccou contra ti, e perdóarás todas as suas iniquidades.*[1]

Quer do ponto de vista da pessoa que a faz, quer do ponto de vista da circunstância em que a faz, eis, espero, uma genuflexão solene como poucas houve.

> *Lembrem-se, diz um piedoso autor, do exemplo de Salomão os fracotes e as fracotas, os delicadinhos e as delicadinhas que receiam dobrar os joelhos diante de Deus, ou que dobram apenas um, maquinalmente e como por zombaria, à maneira dos Judeus, escarnecedores sacrílegos do Salvador durante a sua paixão.*[2]

II. — De Jerusalém vamos a Babilônia, que já visitamos. A exemplo dos anjos, veremos o homem mais poderoso do reino fazer religiosamente, e com risco da vida, a genuflexão diante de Deus. Cedendo à inveja dos inimigos de Daniel, o rei Dario assinara um decreto que impunha pena de morte a quem, durante trinta dias, invocasse outro Deus que não ele, Dario.[3] O decreto logo foi conhecido de toda a corte, de toda a cidade e de Daniel em particular, mas este nem se perturbou.

Como se nada soubesse, o servo de Deus nada mudou de seus hábitos. De volta ao palácio, abre as janelas de seu aposento do lado de Jerusalém e, três vezes ao dia, põe-se de joelhos e adora o Senhor seu Deus.[4] Não esqueceste a recompensa milagrosa que foi o prêmio de sua fidelidade.

Aqui ainda, que lição para os escravos do respeito humano! Quando vêm à igreja, julgam abaixo de si dobrar o joelho diante do Deus do tabernáculo; mal lhe fazem um cumprimento de proteção. Por medo de serem vistos, muitos até se dispensam. Se, quando nada têm a temer, o respeito humano os impede de confessar a fé, que seria se, como Daniel, se expusessem, ao manifestá-la, a perder a fortuna ou a vida! Que cristãos são esses!

III. — O fato seguinte vai de novo, meu caro amigo, revelar-te a natureza íntima da genuflexão. Humildade, confusão, súplica, adoração profunda: ela é tudo isso; manifesta-o nas grandes

ocasiões em que se realizou. Era na volta do cativeiro de Babilônia. Esquecendo o duro castigo de que mal acabavam de ser libertados, os Judeus, voltados à pátria, não temeram violar os mandamentos de Deus, seu libertador. Os primeiros mesmo dentre o povo deram o exemplo da prevaricação.[5]

> *E quando eu ouvi estas palavras, diz Esdras, rasguei a minha capa e a minha tunica [...] e assentei-me triste. [...] E ao sacrificio da tarde eu me levantei da minha consternação, e rasgada a minha capa e a minha tunica me puz de joelhos, e estendi as minhas mãos para o Senhor meu Deos, e disse: Meu Deos, eu estou confundido e envergonho-me de levantar a minha face para ti: porque as nossas iniquidades se multiplicárão sobre as nossas cabeças, e os nossos delictos crescêrão até o ceo. [...] E agora, Deos nosso, que diremos nós depois d'isto? porque nós temos violado os teus mandamentos.*[6]

Estou certo, meu caro Frederico, de que, ao ler a história do povo judeu, ficaste impressionado com a sua inconstância. Talvez, como tantos outros, o tenhas visto como um povo excepcionalmente ingrato e de cerviz mais dura que todos os demais: *dura cervice*. É um erro. O povo judeu é a imagem de todos os povos, a figura exata da pobre humanidade.

Que nos apresentam os anais dos povos, mesmo cristãos, senão uma alternância constante de revoltas contra Deus, seguidas de retornos ao bem mais ou menos longos e mais ou menos sinceros? Deve-se excetuar a Idade Média, em que as revoltas contra Deus — falo das revoltas sociais — nunca acusaram o caráter de impiedade que têm hoje.

IV. — Quanto ao povo judeu regressado do cativeiro, não tarda, como acabamos de ver, a tornar-se de novo prevaricador. Sempre misericordioso, o Senhor, pela boca do profeta Miqueias, faz-lhe as mais ternas censuras:

> *Povo meu, que he o que eu te fiz, ou em que te fui eu molesto? responde-me. Será porque eu te tirei da terra do Egypto, e porque te livrei d'huma casa d'escravidão: e porque enviei diante de ti a Moysés, e a Arão, e a Maria?*[7]

Essas divinas censuras continuam longo tempo no mesmo tom. O profeta não sabe como o povo poderá fazê-las cessar, nem que meios deverá empregar para testemunhar a esse Deus tão bom os seus justos pesares. O primeiro é fazer a genuflexão diante dele. Mas essa genuflexão deve ser sincera, feita com a vontade de caminhar doravante com fidelidade nas vias do Senhor.[8]

Vês, meu caro amigo, que para todo pecador, homem ou povo, que quer obter misericórdia, a primeira manifestação de arrependimento é a genuflexão. Não é permanecendo de pé e de fronte erguida como o fariseu que o culpado pode esperar tocar o coração de Deus, mas recolhendo-se, como o publicano, ao fundo do seu nada, isto é, recolocando-se diante de Deus, pela genuflexão,

no estado em que estava no seio de sua mãe. Que ato profundamente filosófico é a genuflexão!

Meu Deus! Concedei a todos a graça de compreendê-lo.

Até amanhã, o Novo Testamento.

Todo teu.

Notas

[1] *Factum est autem, cum complesset Salomon... deprecationem hanc, surrexit de conspectu altaris Domini: utrumque enim genu in terram fixerat, et manus expenderat in cœlum.* — «Succedeo pois, que tendo Salamão acabado de fazer ao Senhor toda esta oração, e esta rogativa, se levantou de diante do altar do Senhor: porque elle tinha posto ambos os joelhos em terra, e tinha as mãos estendidas para o céo» (3 Rs 8, 27-30.46-50.54; cf. 2 Par 6, 13).

[2] *Notent hoc nostri ignobiles et delicatuli qui coram Deo unum genu flectunt instar Judæorum.* Cornélio a Lápide, *Comentário*, neste lugar.

[3] *Concilium inierunt... ut decretum imperatorium exeat et edictum: ut omnis qui petierit aliquam petitionem a quocumque Deo et homine, usque ad triginta dies, nisi a te, rex, mittatur in lacum leonum.* (Dn 6, 7).

[4] *Quod cum Daniel comperisset, id est constitutam legem, ingressus est domum suam: et fenestris apertis in cœnaculo suo contra Jerusalem tribus temporibus in die flectebat genua sua, et adorabat, confitebaturque coram Deo suo, sicut et ante facere consueverat.* — «O que tendo sabido Daniel, isto he, que se fizera esta lei, entrou na sua casa: e abrindo as janellas da sua cameira que ficavão contra Jerusalém, cada dia em tres diferentes horas se punha de joelhos, e adorava o seu Deos, e lhe rendia acções de graças, como tambem antes costumava fazer» (Dn 6, 10).

[5] *Manus enim principum et magistratuum fuit in transgressione hac prima.* — «até os principes e os magistrados entrárão nesta primeira transgressão» (Esd 9, 2).

[6] *Et nunc quid dicemus Deus noster post hæc quia dereliquimus mandata tua?* (Esd 9, 10).

[7] *Populе meus, quid feci tibi, aut in quo molestus fui tibi? Quia eduxi te de terra Ægypti et de domo servientium liberavi te, etc.* (Mq 6, 3-4).

[8] *Quid dignum afferam Domino? Curvabo genu Deo excelso?... Indicabo tibi, o homo, quid Dominus requirat a te; utique facere judicium et sollicitum ambulare coram Deo tuo.* — «Que offerecerei eu ao Senhor, que seja digno d'elle? encurvarei eu o joelho diante do Deos excelsio? [...] Eu te mostrarei, ó homem, o que te he bom, e o que o Senhor requer de ti: He sem dúvida, que tu obres segundo a justiça, e que ames a misericordia, e que andes solícito com o teu Deos» (Mq 6, 6.8).

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:33 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:33 by Admin